

“O JUIZ DE PAZ NA ROÇA” (fragmento)

CENA IX

Sala em casa do Juiz de Paz. Mesa no meio com papéis; cadeiras. Entra o Juiz de Paz vestido de calça branca, rodapé de riscado, chinelas verdes e sem gravata.

JUIZ – Vamo-nos preparando para dar audiência hoje. (Arranja os papéis. Batem à porta.) Quem é? Pode entrar. (Entra um negro com um cacho de bananas e uma carta que entrega ao juiz. Juiz abre a carta e lê.) “Ilustríssimo Senhor. Tomo a liberdade de mandar a Vossa Senhoria um cacho de bananas-maçãs para Vossa Senhoria comer com a sua boca e dar também de comer à Senhora Juíza e aos Senhores Juizinhos. V.S. há de reparar na insignificância do presente; porém, Ilmo. Sr., as reformas da Constituição permitem a cada um fazer o que quiser, V.S. fará o favor de aceitar as ditas bananas que diz minha Tereza serem muito boas. No mais, receba as ordens de quem é seu venerador e tem a honra de ser. Manuel André de Sapiruruca.”

JUIZ – Bom, tenho bananas para a sobremesa. (...). É bem bom ser juiz de paz aqui na roça. De vez em quando temos nossos presentes de galinha, bananas, ovos etc., etc. Agora vamos preparar a audiência.

CENA X

O juiz e o escrivão sentam-se à mesa. O juiz toca a campainha.

JUIZ – Os senhores podem entrar.

Entram todos os lavradores vestidos como roceiros; uns de jaqueta de chita, chapéu de palha, calças brancas de **ganga**, tamancos, descalços; outros calçam os sapatos e meias enquanto entram. Tomás traz um leitão debaixo do braço.

JUIZ – Está aberta a audiência. Entreguem os seus **requerimentos**.

CENA XI

Inácio José, Francisco Antônio, Manuel André e Sampaio entregam seus requerimentos.

JUIZ – Senhor escrivão, faça o favor de ler.

ESCRIVÃO (lendo) – Diz Inácio José, natural desta freguesia e casado com Josefa Joaquina, sua mulher na face da Igreja, que precisa que V.S. mande Gregório degradado para fora da terra, pois teve o atrevimento de dar uma **embigada** em sua mulher, na encruzilhada do Pau-Grande, que quase a fez abortar; a tal embigada fez cair sua mulher de pernas para o ar. Portanto, pede a V.S., mande o dito Gregório degradado para Angola.

JUIZ – É verdade, sr. Gregório que o senhor deu uma embigada na senhora?

GREGÓRIO – É mentira, sr. Juiz de Paz, eu não dou embigadas em bruxas.

JOSEFA JOAQUINA – Bruxa é a marafona de tua mulher, malcriado! Não se lembra que me deu uma embigada? E que me deixou uma marca roxa na barriga? O senhor quer ver? Posso mostrar.

JUIZ – Nada, nada, não é preciso; eu acredito.

JOSEFA JOAQUINA – Sr. Juiz, não é a primeira embigada que este homem me dá; eu é que não tenho contado a meu marido.

JUIZ – Está bem, senhora, sossegue. Sr. Inácio José, deixe de asneiras, dar embigadas não é crime classificado no Código. Sr. Gregório, faça o favor de não dar mais embigadas na senhora; senão arrumo-lhe com as leis às costas e meto-o na cadeia. Queiram-se retirar.

Inácio José, Gregório e Josefa Joaquina saem.

INÁCIO JOSÉ (para Gregório) – Lá fora me pagarás.

JUIZ – Estão conciliados. Sr. Escrivão, leia outro requerimento.

ESCRIVÃO (lendo) – Ilustríssimo Senhor Juiz de Paz, eu sou senhor de um sítio que está na beira do rio, onde dá muitas boas bananas e laranjas, e peço a Vossa Senhoria o favor de aceitar um cestinho das mesmas que eu mandarei hoje à tarde. Mas, como eu ia dizendo, o dito sítio foi comprado com o dinheiro que minha mulher ganhou nas costuras e outras coisas mais. Um meu vizinho, homem da raça do Judas, diz que metade do sítio é dele. E então, que lhe parece, Senhor Juiz, não é desaforo? Peço a Vossa Senhoria para vir assistir à marcação do sítio. Manuel André.

JUIZ – Não posso **deferir** por estar muito atravancado com um roçado; portanto, **requeira** ao **suplente**, que é o meu compadre Pantaleão.

MANUEL ANDRÉ – Mas, Senhor Juiz, ele também está ocupado com uma plantação.

JUIZ – Você contesta? Olhe que o mando para a cadeia.

MANUEL ANDRÉ – Vossa Senhoria não pode prender-me à toa; é contra a Constituição.

JUIZ – A Constituição!... Está bem! Eu, o Juiz de Paz, hei de por bem anular a Constituição! Senhor escrivão, **tome termo** que a Constituição está anulada e mande prender este homem.

MANUEL ANDRÉ – Isto é uma injustiça!

JUIZ – Ainda fala? Suspendo-lhe as garantias... (...) Que o diabo o leve! Vamos às outras partes.

ESCRIVÃO (lendo) – Diz João de Sampaio que, sendo ele “senhor absoluto de um leitão (...) aconteceu que o dito leitão furasse a cerca do sr. Tomás pela parte de trás e, com toda sem-cerimônia que tem todo porco, remexesse a horta do mesmo senhor. Com todo respeito, se, Juiz, o leitão não tem culpa porque nunca vi um porco pensar como um cão, que é outra qualidade de animal e que pensa, às vezes, como um homem. O sr. Tomás não tem razão em querer ficar com o leitão só porque ele comeu três ou quatro cabeças de nabo. Assim, peço a V.S. que mande entregar-me o leitão”.

JUIZ – É verdade, sr. Tomás, o que o sr. Sampaio diz?

TOMÁS – É verdade que o leitão era dele, porém agora é meu.

SAMPAIO – Mas como, se era meu e o senhor nem o comprou nem eu lhe dei? Como pode ser seu?

TOMÁS – É meu, e ponto final.

SAMPAIO – Pois não é não senhor. (Agarram ambos no leitão e puxam cada um para seu lado.)

JUIZ (levantando-se) – Larguem o pobre animal, não o matem! (...) Meus senhores, só vejo um modo de conciliar esta contenda, que é darem este leitão de presente a alguma pessoa. Não estou dizendo para darem a mim.

TOMÁS – Bem lembrado, V.S. Peço licença a V.S. para lhe oferecer este leitão.

JUIZ – Muito obrigado. O senhor é um homem de bem, que não gosta de brigas. E o que diz, senhor Sampaio?

SAMPAIO – Se V. S. aceita, ficarei muito feliz

JUIZ – Muito obrigado, muito obrigado! Dei-me ver o leitão. Está gordo! Ora, senhor Tomás, eu gosto tanto de porco com ervilha!

TOMÁS – Se V. S. quiser, posso mandar algumas.

JUIZ – Faz-me muito favor. Tome o leitão e coloque no chiqueiro. (...) podem se retirar. Estão conciliados.

SAMPAIO – Tenho ainda um requerimento que fazer.

JUIZ – Então, qual é?

SAMPAIO – Desejava que Vossa Senhoria mandasse citar a Assembleia Provincial.

JUIZ – Ó homem! Citar a Assembleia Provincial? E para quê?

SAMPAIO – Pra mandar fazer um cercado de espinhos em todas as hortas.

JUIZ – Isto é impossível. A Assembleia Provincial não pode ocupar-se com estas insignificâncias.

SAMPAIO – Insignificância?! Mas os votos que Vossa Senhoria pediu-me para aqueles sujeitos não era insignificância. Então me **prometeu mundos e fundos**.

JUIZ – Está bem, veremos o que poderei fazer. Queiram-se retirar. Estão conciliados. Tenho mais o que fazer. (...) Sr. Escrivão leia outro requerimento.

ESCRIVÃO (lendo) – Diz Francisco Antônio, natural de Portugal, porém brasileiro, que tendo ele casado com Rosa de Jesus, trouxe esta por dote uma égua. “Ora a égua de minha mulher teve um filho que o meu vizinho José da Silva diz que é dele, só porque o dito filho da égua de minha mulher saiu malhado como o cavalo do meu vizinho. Ora, como os filhos pertencem às mães, e a prova disto é que minha escrava Maria tem um filho que é meu, peço a V.S. mande o dito meu vizinho entregar-me o filho da égua da minha mulher”.

JUIZ – É verdade que o senhor está com o filho da égua da mulher do senhor Francisco?

JOSÉ DA SILVA – É verdade, porém o filho me pertence pois é do meu cavalo.

JUIZ – Pois tenha a bondade de entregar o filho a seu dono que é a mulher do senhor Francisco

JOSÉ DA SILVA – Mas, senhor Juiz...

JUIZ – Nem mais nem menos mais, entregue o filho senão cadeia.

PENA, Martins. O Juiz de Paz na roça (1833).

In: DAMASCENO, Darcy. Comédias de Martins Pena.

Rio de Janeiro: Ediouro, 1966. p. 44-8.

VOCABULÁRIO

- **Ganga:** algodoeiro de fibras pardas, de qualidade inferior.
- **Requerimento:** pedido redigido na forma exigida pela lei.
- **Embigada:** choque de umbigo contra umbigo.
- **Deferir:** atender, concordar, aceitar.
- **Requerer:** solicitar (por meio de requerimento).
- **Suplente:** substituto.
- **Tomar termo:** registrar.
- **Prometer mundos e fundos:** fazer promessas e oferecer coisas extraordinárias (vantagens materiais, favores, facilidades etc.).